

DINÂMICAS DE INTERAÇÃO NA SÉRIE *FRIENDS*: UM DIÁLOGO PRAGMÁTICO ENTRE ATOS DE AMEAÇA À FACE E HUMOR

INTERACTION DYNAMICS ON THE TV SERIES *FRIENDS*: A PRAGMATIC DIALOGUE BETWEEN FACE THREATENING ACTS AND HUMOR

Ricardo Piccolo Abel (UFSC)¹
Hanna Kivistö de Souza (UFSC)²

Resumo: Este artigo, de natureza qualitativo-interpretativista, tem por objetivo observar, identificar e descrever a manifestação dos atos de ameaça à face (AAFs) num episódio da série de comédia *Friends* (1994), além de analisar a relação dos AAFs reportados com o humor nos enunciados ameaçadores. Para isso, a teoria de Goffman (1967) sobre face, bem como a de Brown e Levinson (1987), no que diz respeito aos atos de ameaça à face, foram empregadas. Portanto, procurou-se investigar: (i) quais atos de ameaça à face podem ser identificados no episódio sob análise; (ii) como o humor se relaciona aos atos de ameaça à face presentes, e (iii) de que forma os interlocutores reagem aos atos de ameaça à face. Os dados analisados seguem o viés metodológico da Análise Temática (Braun, Clarke, 2006) em que padrões foram identificados nos AAFs registrados e, após, alocados em conjuntos similares, o que permitiu a quantificação destes. Foram reportados um total de 29 AAFs, sendo o mais frequente relacionado à ridicularização do receptor da mensagem, o que constrói o humor que a série pretende causar. Pode-se afirmar, além disso, que a maioria dos AAFs não despertaram reação negativa nos interlocutores, provavelmente por causa da íntima relação dos interactantes e, conseqüentemente, da ausência de hierarquia entre estes.

Palavras-chave: atos de ameaça à face; humor; *Friends*; pragmática.

Abstract: This qualitative-interpretivist article aims to observe, to identify and to describe the manifestation of face-threatening acts (FTAs) in an episode of the TV series *Friends* (1994), in addition to analyzing the relationship of the reported FTAs with the humor within threatening utterances. With that aim, Goffman's (1967) theory about face, as well as of Brown and Levinson's (1987) theory on face-threatening acts were employed. Therefore, we proposed to investigate: (i) which face-threatening acts can be identified in the episode under analysis; (ii) how humor is inserted in the face-threatening acts that were present, and (iii) how do interlocutors react to the face-threatening acts. The analyzed data followed the methodological bias of Thematic Analysis (Braun, Clarke, 2006) in which patterns within the FTAs were identified and, then, allocated into similar groups, allowing their quantification. A total of 29 FTAs were encountered; the most frequent one being related to the ridiculing of the receptor of the message, which builds to the humor the sitcom intends to cause. Furthermore, it can be stated that the majority of the FTAs did not cause a negative reaction in the interlocutors, probably because of the intimacy and, consequently, the absence of hierarchy between the interlocutors.

Keywords: face threatening acts; humor; *Friends*; pragmatics.

¹ Graduando em Letras Inglês – Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: ricardopiccoloabel@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6416-7985>

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Barcelona. Professora Adjunta-3 no Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras (DLLE/PPGI) na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: hanna.souza@ufsc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8498-2691>

Introdução

Ao estudar a práxis da comunicação humana, os fatores extralinguísticos – tais como o contexto cultural e histórico-social da mensagem, a origem geográfica e o nível de escolaridade dos interlocutores – e a intenção comunicativa por detrás da mensagem são aspectos constantemente destacados na pesquisa em pragmática (Ferreira, Guimarães, 2020; Yu, 2011). Diante desse cenário, por causa da íntima relação que os integrantes de um ato comunicativo compartilham com o contexto linguístico-social, este artigo está baseado, intrinsecamente, no campo da linguística pragmática, o qual, segundo Raso (2023), consiste no “estudo do significado linguístico em contexto, isto é, visando a sua intenção comunicativa em uma determinada circunstância concreta [...]” (Raso, 2023, p. 17), ou seja, analisa “como a língua é usada como forma de comportamento em um determinado contexto” (Raso, 2023, p. 23). Referente a isso, para Noveck (2018), a missão de um pragmatista, portanto, seria determinar o que os indivíduos pretenderam significar através dos enunciados, traçando um paralelo, assim, entre o signo linguístico e a intencionalidade dos falantes.

Em consulta nas plataformas Periódicos CAPES, SciELO e Google Acadêmico, em um recorte dos últimos 10 anos, notou-se que manuscritos publicados no Brasil que mergulham no conceito de face e aprofundam em seus atos ameaçadores são escassos (Capellani, 2021; Cunha, Avelar, 2018; Maciel, 2022; Oliveira, Souza, 2020; Rocha, Torre, Mello, 2015; Silveira, Ferreira, 2022). Destes, pode-se destacar Capellani (2021), que explorou a recusa de interação do ex-presidente Jair Bolsonaro em entrevistas com jornalistas, e Silveira e Ferreira (2022), que analisou a relação entre impolidez, ameaça à face e xenofobia de estadunidenses contra imigrantes latinos nos Estados Unidos. Observa-se que a maior parte das pesquisas em pragmática com viés funcionalista limita-se à teoria da (im)polidez linguística, que abarca, conseqüentemente, o conceito de face, mas de maneira diminuta. Assim, percebe-se a necessidade de levantar questões relacionadas, especificamente, aos atos de ameaça à face, tendo em vista o constante zelo e preocupação linguística que os sujeitos admitem com relação a si mesmos e aos outros – mesmo que às vezes inconscientemente –, como veremos na próxima seção.

Devido ao caráter jocoso que o objeto de estudo assume, um dos elementos centrais para este estudo é a prática humorística. Levando em consideração tal característica, percebe-se que os atos de ameaça à face contidos em séries de televisão marcadamente cômicas são, também, os que exibem comicidade ao público, majoritariamente seguidos de efeitos sonoros de risadas – o que comprova a pretensão de hilaridade dos programas. Logo, pode-se associar estes enunciados ao humor que a série se preocupa em providenciar.

Nesse sentido, este artigo pretende observar, identificar e descrever discursos que contenham manifestações dos atos de ameaça à face (Brown, Levinson, 1987) pelos personagens protagonistas da série de comédia *Friends* (1994) e sua relação com o fazer humor, com o objetivo de contribuir à lacuna teórico-prática no cenário da pesquisa em linguística pragmática no Brasil. Ressoando Raso (2023, p. 37), a pragmática, por se constituir da análise da intenção dos interlocutores, se estabelece, também, como “disciplina que estuda os mecanismos da competência comunicativa, entendendo por competência comunicativa a habilidade [...] em usar a língua de maneira apropriada em diferentes contextos [...]”. Assim, faz-se coerente a proposta de examinar a relação entre os enunciados à frente destacados e a (in)adequação destes à situação que nasceram.

Dado o exposto, na seção seguinte o arcabouço teórico é apresentado. Após, a seção *Metodologia de pesquisa* preocupar-se-á, primeiramente, em delimitar a amostra estudada, ao expor um panorama do programa televisivo sob análise e, posteriormente, em descrever em detalhes o processo de coleta e análise dos dados obtidos. Na seção *Resultados e discussão*, debater-se-á a respeito dos dados coletados e suas relações com o objeto de pesquisa a partir de transcrições dos atos comunicativos examinados, enquanto a seção *Considerações finais* traçará uma síntese do presente estudo juntamente com as conclusões.

1 Uma reflexão acerca da noção de face, atos ameaçadores e humor para a linguística pragmática

Com o intuito de compreender o diálogo entre humor e atos ameaçadores faz-se necessário, primeiramente, conceitualizar *face*. Segundo Goffman (1967, p. 5), face é definida como “o valor social positivo que um indivíduo efetivamente reclama para si”, ou seja, toda característica positiva que os integrantes de uma comunidade linguística assumem para si próprios a fim de alcançar respeito e admiração por seus semelhantes. Goffman (1967) explora o conceito de face no que tange ao conhecimento, adquirido através de experiências culturais, de que se deve prezar pela face própria e pela dos outros, isto é, um comportamento mútuo que mira na cordialidade para com os demais. Nessa linha, consoante o autor, “espera-se, dos membros de todo círculo social, que tenham certo conhecimento acerca do conceito de face e algumas experiências em seu uso” (Goffman, 1967, p. 13). No entanto, acerca dessa colocação, destaca-se que, na atualidade, essa ideia não é mais plenamente condescendente; sujeitos com determinados transtornos psicológicos, por exemplo, não podem ser cobrados sob esta ótica prescritivista e universalista de que “os membros de todo círculo social” *devem* compreender a noção de face. Assim, consoante Goffman, por ser um conhecimento atingido culturalmente, os indivíduos aprendem-no de maneiras distintas. Tal postura crítica é basilar para compreender este estudo, já que as teorias aqui presentes foram desenvolvidas em contexto estadunidense, sob um escopo anglo-cêntrico. Ante esse cenário, Yu (2011) afirma que noções de como expressar-se cordialmente e outras regras que regem as interações interpessoais são sensíveis à cultura de cada comunidade linguística. Portanto, o que dita se determinado comportamento qualifica ameaçador à face do interlocutor é o conjunto de leis e regras sociais que regem determinado organismo social, não podendo ser generalizado a outras culturas.

Destaca-se, além disso, que Brown e Levinson também tiveram um papel fundamental na linguística pragmática ao teorizar sobre (im)polidez, face e atos ameaçadores (Brown, Levinson, 1987). Nesse contexto, os autores destacam os conceitos de face positiva e negativa, que estariam associados diretamente à ideia do precursor. Conforme os teóricos, “face é aquilo no qual há investimento emocional, e que está sujeito a ser perdido, mantido ou aprimorado, e deve ser constantemente cuidado durante a interação social” (Brown, Levinson, 1987, p. 311). A face positiva, a partir dessa perspectiva, seria todo comportamento e personalidade que um ator social define para si, e deseja que estes sejam admirados e aprovados por seus pares. Exemplo dessa afirmação é a comum necessidade observada nos indivíduos de serem vistos como sujeitos constituintes unicamente de características positivas e de evitarem possíveis falhas de comportamento diante dos outros. Por outro lado, o princípio de face negativa delimita-se como “reclamações básicas de território, espaço pessoal e direitos à não-distração” (Brown, Levinson, 1987), ou seja, zelo pela própria independência, liberdade e livre arbítrio, como o desejo de se sentir respeitado e digno de autonomia e sossego.

As noções de face são aplicáveis a todos os indivíduos conscientes da posse de uma autoimagem relevante à sociedade. No entanto, é crucial destacar que a face de todo sujeito corre constante perigo de ser violada por comportamentos linguísticos, orais ou não, dos seres que o envolvem. Brown e Levinson (1987) denominam esse fenômeno de *atos de ameaça à face*, isto é, “atos que naturalmente opõem-se aos desejos relacionados à face do receptor e/ou do emissor” (Brown, Levinson, 1987, p. 313, tradução nossa)³. Em outros termos, os atos de ameaça à face (doravante – AAFs) são expressões linguísticas que naturalmente carregam certa propensão de violar a face do interlocutor, ou seja, de causar desconforto, angústia, vergonha ou ira. Alguns desses atos, como predizem os autores, são críticas, ridicularizações, menções de tópicos inapropriados, notícias

³ [...] acts that by their nature run contrary to the face want of the addressee and/or the speaker (Brown, Levinson, 1987, p. 313).

negativas sobre o ouvinte e, também, pedidos. Enquanto os primeiros parecem óbvios quanto à sua probabilidade de ameaça à face, talvez não seja evidente o porquê de pedidos entrarem na esquematização dos autores. Nesse sentido, portanto, segundo Brown e Levinson (1987), ao pedir/ordenar algo para alguém, o ouvinte pode sentir que sua face foi violada por, por exemplo, sentir-se coagido a respeitar tal ordem a fim de não parecer ríspido. Essa coerção, portanto, ameaçaria a face negativa do ouvinte, por este abrir mão de seu livre arbítrio pela pressão nele posta para realizar a ação. Assim sendo, por se constituírem de ações comunicativas que, como destacado, *naturalmente* têm potencial para ameaçar a autoimagem dos demais, nota-se que todo indivíduo inserido em um contexto social de relações interpessoais está constantemente vulnerável à ameaça e à manutenção da própria face. Segundo Brown e Levinson:

No contexto de vulnerabilidade mútua da face, qualquer agente racional procurará evitar esses atos de ameaça à face ou empregará certas estratégias para minimizar as ameaças. Em outras palavras, ele levará em consideração o peso de (pelo menos) três desejos: (a) o desejo de comunicar o conteúdo do AAF x; (b) o desejo de ser eficiente ou urgente, e (c) o desejo de manter a face do receptor da mensagem em algum grau. A menos que (b) seja maior que (c), o emissor optará por minimizar a potência de seu AAF (Brown, Levinson, 1987, p. 315-316, tradução nossa)⁴.

Ainda em outras palavras, todo ator social, por estar regularmente atreito a perder a face, ou seja, encontrar-se em uma situação embaraçosa diante de seus semelhantes, tende a zelar pela minimização dos efeitos que seu enunciado pode causar no outro, para que assim, este outro sintase prestigiado e, conseqüentemente, não ameace a face do primeiro. Contudo, isso é anulado se a vontade de ser econômico com suas palavras (variável indicada por (b), no excerto acima) seja superior ao desejo de construir um tato, isto é, um olhar sensível para com o outro (variável indicada por (c), no excerto acima); neste caso, portanto, o emissor não se preocuparia em reconhecer a face do receptor e prezaria pelo conteúdo/significado de sua mensagem na íntegra, como, por exemplo, em ordens explícitas verbalizadas no modo imperativo (“Faça X!”). Nesse sentido, dizer que a face de um indivíduo foi ameaçada (ou, em outras palavras, que ele “perdeu a face”), para Goffman (1967), refere-se ao fato de este indivíduo sentir-se de alguma forma violado, envergonhado e/ou inferiorizado pela atividade que originou esses sentimentos.

Em segunda análise, faz-se fundamental destacar que a noção dos atos de ameaça à face pode ser associada diretamente ao conceito de (im)polidez linguística (Brown, 1980; Brown, Levinson, 1987; Culpeper, 1996). Segundo Brown, *polidez* consiste em “uma maneira especial de tratar as pessoas, dizendo e fazendo coisas de tal forma a considerar os sentimentos do outro” (Brown, 1980, p. 114, tradução nossa)⁵. Para a autora,

levando em consideração que a polidez é sobre respeitar a face do outro, a forma de incorporar a polidez dentro da estrutura enunciativa é garantir que, no próprio ato de ameaça à face, o locutor desarme a ameaça ao mostrar que se preocupa com a face do seu ouvinte. (Brown, 1980, p. 114, tradução nossa)⁶.

⁴ In the context of mutual vulnerability of face, any rational agent will seek to avoid these face-threatening acts, or will employ certain strategies to minimize the threat. In other words, he will take into consideration the relative weightings of (at least) three wants: (a) the want to communicate the content of the FTA x; (b) the want to be efficient or urgent, and (c) the want to maintain H's face to any degree. Unless (b) is greater than (c), S will want to minimize the threat of his FTA (Brown, Levinson, 1987, p. 315-316).

⁵ [...] a special way of treating people. saying and doing things in such a way as to take into account the other person's feelings (Brown, 1970, p. 114).

⁶ [...] given that politeness is about respecting the other's face, the way to incorporate politeness into the structure of one's utterance is to ensure that in the very act of threatening face, one disarms the threat by showing that one does indeed care about the other's face (Brown, 1970, p. 115).

Em outras palavras, diz-se que determinados AAFs podem ser realizados de maneira polida – respeitosa, com um certo tato – a fim de tentar minimizar ou mesmo neutralizar a ameaça à face do interlocutor. No caso dos pedidos, expressões modalizantes como “possivelmente”, “talvez” e o uso de verbos no futuro do pretérito (“Você *poderia* fazer X?”) são aliados para a suavização do enunciado, a fim de torná-lo menos impositivo ao ouvinte. No entanto, chama-se a atenção para as questões relacionadas ao poder social e posição hierárquica dos interactantes em determinada situação. Para Brown (1980), um indivíduo tende a ser mais polido especialmente em duas ocasiões: (i) com pessoas socialmente superiores, e (ii) com pessoas que não conhecem ou conhecem pouco e, conseqüentemente, carecem de intimidade. Em outros termos, enunciados polidos e cautelosos seriam mais frequentes entre pessoas com posições sociais mais distantes, como um estudante e seu professor, por exemplo, ou entre duas pessoas desconhecidas e/ou com pouca intimidade, como um encontro despropósito de colegas não-íntimos na rua.

À frente, para os fins deste trabalho, torna-se fundamental destacar a relação entre humor e atos de ameaça à face, tendo em vista o caráter jocoso que o objeto de estudo compromete-se a transparecer. Como ponto de partida para tal, empresta-se da definição de Jerónimo (2015) ao compreender humor como “quaisquer eventos ou formulações discursivas, intencionadas ou inadvertidas, que provoquem experiências cognitivas culturalmente partilhadas capazes de suscitar o riso e providenciar divertimento” (Jerónimo, 2015, p. 67). No entanto, abre-se um parêntese, aqui, para destacar que nem todo discurso humorístico é de fato recheado de divertimento, como o autor acima sugere, tendo em vista o possível desconforto do interlocutor ao ser alvo de escárnio. A respeito disso, o risco de desconforto pode ocorrer não apenas com o receptor da piada, mas também com o emissor, pois, consoante Zajdman (1995), qualquer atividade humorística é um ato de ameaça a face em potencial também para o emissor, já que é criado o perigo de a piada não ser compreendida; assim, pode-se afirmar que a atividade humorística usualmente existe sob condições de incerteza (Zajdman, 1995, p. 332).

Dado o exposto, o presente estudo pretende responder às seguintes perguntas de pesquisa: (i) quais atos de ameaça à face podem ser identificados no episódio sob análise?; (ii) como o humor se relaciona aos atos de ameaça à face expressos?; e (iii) de que forma os interlocutores reagem aos atos de ameaça à face?.

2 Metodologia de pesquisa

2.1 Delimitação do objeto de estudo

A fim de tentar responder às perguntas de pesquisa, este estudo descritivo, de caráter qualitativo-interpretativista, pretende traçar uma análise pragmática dos atos de ameaça à face produzidos na série de comédia *Friends* (1994). Destaca-se, aqui, que conhecer a proposta da série é fundamental para o corrente estudo. Nesse sentido, *Friends* (1994) acompanha, de forma bem-humorada, o cotidiano de um grupo de seis amigos – sendo dois destes integrantes, Monica e Ross, irmãos. Torna-se necessário ressaltar que os integrantes do grupo não são hierarquicamente postulados, isto é, carecem de grau maior ou menor de poder social um sobre o outro. Sublinha-se, no entanto, que, embora Monica e Ross sejam irmãos, a relação hierárquica e de poder entre esses personagens é praticamente nula, devido à íntima relação que compartilham. A presente série foi selecionada como objeto de estudo devido: (i) ao caráter humorístico que se propõe a contemplar, ao se colocar como a realização de práticas discursivas jocosas que provocam o riso ao telespectador e, conseqüentemente, como sugere Zajdman (1995), por tal jocosidade dialogar diretamente com os atos de ameaça à face; (ii) ao cunho célebre que lhe foi designado durante as últimas duas décadas, o que contribuiu para a sua popularização global, e (iii) à ausência de uma pirâmide hierárquica entre os personagens protagonistas, facilitando a probabilidade de aparição de atos de ameaça à face.

Ademais, como forma de delimitação do material a ser utilizado, foi analisado o nono episódio da primeira temporada, intitulado “Aquele em que o vira-latas escapou”, pois este situa-se, temporalmente, durante o feriado de Dia de Ação de Graças estadunidense. Essa escolha foi feita com base na observação de que na cultura popular ocidental, datas comemorativas como essa são capazes de acentuar as tensões familiares devido à constante inquietação e estresse relacionados, por exemplo, aos preparativos da confraternização. Assim, nota-se a relevância do contexto desse episódio para a atual pesquisa, cuja análise apoia-se estritamente na potencialidade de ameaça à face dos enunciados emitidos pelos personagens que, nesse cenário, estão constantemente sob influência de situações estressantes, como veremos na seção três. No episódio escolhido, foi feita a delimitação das falas analisadas baseadas na relação entre os interlocutores. Dessa forma, foi escolhido investigar os atos de ameaça à face feitos apenas entre os personagens protagonistas da *sitcom*, que compartilham um alto grau de intimidade uns com os outros. Logo, decidiu-se não analisar as interações dos protagonistas com outros personagens da série (como, por exemplo, a interação entre a protagonista Rachel com seu chefe), devido à presença de relações de poder e, portanto, a necessidade de um diálogo provavelmente mais polido, isto é, sem a manifestação de atos de ameaça à face.

2.2 Coleta e análise dos dados

A análise dos dados foi feita a partir do viés metodológico da Análise Temática, que pretende facilitar a organização das informações obtidas ao se propor como uma ferramenta para “identificar, analisar e reportar padrões (temas) em um grupo de dados” (Braun, Clarke, 2006, p. 6). A partir disso, os pesquisadores assistiram ao episódio planejado da série em questão e, em uma tabela digital, foram registrados e agrupados todos os diálogos que contêm atos de ameaça à face similares uns aos outros. Esta organização foi realizada com base na categorização original de Brown e Levinson (1987, p. 313-315), o que possibilitou a aplicação da Análise Temática no que diz respeito à identificação de determinados padrões de fala nos enunciados registrados. Em outras palavras, a partir de todos os AAFs registrados no episódio assistido, foi possível aglutiná-los em grupos ao identificar neles a presença de atos de ameaça à face semelhantes uns aos outros.

Uma vez inseridos os dados, as convenções de transcrição da Análise da Conversação de Jefferson (2004, p. 24-31) foram utilizadas para transcrever as interações presentes na próxima seção. Nesse quesito, cabe destacar que foram utilizados apenas os símbolos de transcrição julgados relevantes para o presente estudo, excluindo quaisquer aspectos relacionados à variação dialética dos falantes e outros elementos fonológicos, com exceção da prolongação de determinados sons (indicado por “:”), da ênfase prosódica na produção de determinadas palavras (indicado pelo grifo “_” abaixo da palavra enfatizada) e do aumento do volume vocal na articulação das palavras com relação aos sons do entorno (indicado por maiúsculas). A seção que se segue destina-se à apresentação dos dados obtidos neste estudo, bem como a interpretação e discussão destes.

3 Resultados e discussão

Nesta seção, são apresentados e debatidos os dados obtidos a partir da aplicação da metodologia previamente protocolada. Nesse sentido, a primeira pergunta de pesquisa pretendia explorar quais atos de ameaça à face, a partir da categorização de Brown e Levinson (1987), podem ser destacados no episódio da série sob análise. Assim, é possível observar, no Gráfico 1, que foi registrado um total de 29 AAFs, divididos entre: (i) expressar reprimenda/desaprovação/ridicularização; (ii) realizar pedidos/exigências; (iii) manifestar contradições/desacordos; (iv) expressar violência emocional fora de controle; (v) realizar críticas/reclamações; (vi) realizar um AAF gestual-verbal, e (vii) dar más notícias ao interlocutor.

Gráfico 1 – Atos de ameaça à face reportados no episódio 09 da temporada 01 de *Friends* (1994)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao analisar o Gráfico 1, nota-se que o ato de ameaça à face mais frequente no episódio nove da primeira temporada de *Friends* (1994) é a manifestação de reprimenda/desaprovação/ridicularização para com as atitudes e comportamentos de determinado personagem, contabilizando um total de 11 atos comunicativos desta espécie, de um total de 29 enunciados registrados. Pode-se supor que, dentre os atos de ameaça à face aqui presentes, o pronunciamento de ridicularizações foi mais recorrente neste episódio porque esse AAF é o único de caráter inatamente humorístico e, portanto, intrinsecamente correlacionado ao fazer humor; objetivo central da *sitcom*. Em outros termos, é possível afirmar que ridicularizar alguém é, por definição, tornar um indivíduo foco de piadas, muito provavelmente degradantes. Portanto, ao fazer isso, o locutor do AAF inferioriza as ações, comportamentos e crenças desse sujeito, que se torna vítima. Nesse sentido, de acordo com Zajdman (1995), ser alvo de piadas é “uma das mais poderosas ameaças sociais” (Zajdman, 1995, p. 332), pois cria-se uma atmosfera naturalmente humilhante ao interlocutor, que tem sua face positiva menosprezada e ameaçada, ao passo que credita o emissor por sua sagacidade, bom-humor e inteligência ao realizar tal evento.

A seguir, por questões de espaço, foram selecionadas três cenas que melhor ilustram, respectivamente, ridicularização, desaprovação e reprimenda, dentre as onze cenas reportadas que utilizam deste AAF para gerar o humor programado pela série.⁷

Quadro 1 – Transcrição I do Ato de Ameaça à Face

Contextualização: Neste episódio, o personagem Joey realiza uma campanha publicitária de conscientização às infecções sexualmente transmissíveis (doravante – ISTs). A campanha foi impressa em pôsteres e distribuída pelo bairro. A cena em questão se passa dentro de uma cafeteria, na presença dos outros cinco protagonistas, excluindo Joey, o qual adentra o ambiente enquanto os outros riem silenciosamente.		
01	Joey	Então, imagino que todos vocês tenham visto.
02	Rachel	Vimos o quê? ((disfarçando))
03	Phoebe	Não, nós estávamos apenas rindo. Sabe, como o riso pode ser “contagioso”.
04		((todos riem, menos Joey))

Fonte: Elaborado pelos autores.

⁷ As transcrições de todas as cenas com suas respectivas categorizações estão disponíveis para consulta em: <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.25843528>

Primeiramente, o discurso de Phoebe, na linha 03, pode ser julgado como uma manifestação de ridicularização da imagem de Joey, afetando sua face positiva, já que o ato realizado contra ele, por ter direta ligação com o escárnio de sua imagem, enfraquece-a. A fim de relacionar essa cena com a segunda pergunta de pesquisa, o humor, aqui, estaria associado às diferentes aplicações da palavra “contagioso”, fazendo referência tanto às ISTs quanto ao riso. Outrossim, novamente ressoando Zajdman (1995), torna-se fundamental ressaltar que o fato de os outros amigos também rirem acentua o perigo à face de Joey, pois, segundo a autora,

[...] a presença de uma terceira parte no ato humorístico que inicialmente realiza-se entre dois participantes aumenta o potencial de ameaça à face do receptor e, conseqüentemente, aumenta os ganhos do emissor, na medida em que a terceira parte desempenha o papel de intensificador (Zajdman, 1995, p. 335, tradução nossa)⁸.

Em outros termos, nota-se que a atuação dos demais envolvidos no exercício comunicativo funciona como uma fortificação do ato ameaçador inicialmente executado por Phoebe, já que, ao perceber que o comentário desta escapou do fluxo interativo bidimensional entre a personagem e Joey, este potencialmente teve sua face positiva ainda mais afetada.

Quadro 2 – Transcrição II do Ato de Ameaça à Face

Contextualização: Nesta cena, Rachel comemora por ter conseguido adquirir as passagens de avião para confraternizar o Dia de Ação de Graças com sua família. Chandler, ao assistir à inusitada comemoração de Rachel (<i>shoop-shoop-shoop</i>), expressa desaprovação.		
01	Rachel	Consegui as passagens! Consegui as passagens! Daqui a cinco horas:;
02		sh:oop-sh:oop-sh:oop. ((comemorando))
03	Chandler	Oh, você <u>precisa</u> parar de “shooper”.
04		((Rachel sai do ambiente sem reagir ao comentário de Chandler))

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nessa situação, diferentemente do diálogo anterior, não se pretendeu ridicularizar o receptor do ato ameaçador, no sentido cômico da palavra, mas apenas demonstrar que um dos interactantes ficou descontente com dado comportamento. Para Brown e Levinson (1987), nesses casos, “o emissor indica que desgostou de um ou mais desejos, comportamentos, ações, características pessoais, crenças ou valores do interlocutor” (Brown, Levinson, 1987, p. 314, tradução nossa)⁹. Posto isso, mesmo que a face de Rachel não tenha sido efetivamente atingida, pois, como observado, o AAF não resultou em uma reação negativa (linha 04), ainda é possível afirmar que houve a manifestação de um ato ameaçador, já que não é preciso que o interlocutor sintasse ofendido para poder-se afirmar que um AAF tenha sido realizado.

Quadro 3 – Transcrição III do Ato de Ameaça à Face

Contextualização: Chandler está assistindo aos outros personagens cozinharem para o Dia de Ação de Graças. Phoebe, ao tirar seu prato do forno, brinca com Chandler, passando o prato na frente do rosto do amigo, imitando um avião decolando, como faz-se com crianças. Após isso, Chandler fica enfurecido com a atitude de Phoebe e expressa firme reprimenda para com a personagem.		
01	Phoebe	Atenção! Aqui vem uma torta de abóbora! ((passando a torta de abóbora na frente

⁸ The acknowledged presence of a third party in the humorous act that initially takes place between two participants increases the potential threat to face for H[earer] and consequently increases S[peaker]’s pay-offs, in that the third party plays the role of intensifier (Zajdman, 1995, p. 335).

⁹ S[peaker] indicates that he doesn’t like/want one or more of H[earer]’s wants, acts, personal characteristics, goods, beliefs or values (Brown, Levinson, 1987, p. 314).

02		de Chandler enquanto imita um avião))
03	Chandler	Ok, todos rimos quando você fez isso com o recheio, mas agora não tem mais
04		graça! ((saindo do ambiente, irritado))

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse excerto, é notável que as ações de ambos os personagens constituem diferentes atos de ameaça à face. Em primeira análise, ao optar por passar o prato na frente do rosto do amigo, Phoebe inadvertidamente provoca-o, realizando um ato ameaçador à face negativa de Chandler, visto que invade seu espaço pessoal. Essa ação, no entanto, por não ser pautada unicamente em fenômenos linguísticos orais, pode ser considerada um AAF gestual-verbal; no entanto, como anteriormente pontuado, Brown e Levinson (1987) focalizam a investigação apenas em AAFs orais, e excluem possíveis atos de ameaça à face ligados à comunicação não-verbal. Em segundo plano, o AAF executado por Chandler manifesta uma reprimenda ao comportamento de Phoebe, em resposta ao AAF primeiramente cometido por ela; todavia, não fica exatamente clara a razão de Chandler ter se incomodado com a amiga a ponto de sair enfurecido do ambiente, pois, embora ele comente que ela já havia realizado a mesma brincadeira anteriormente (linha 03), esse momento não é exibido aos telespectadores, o que pode implicar que sua reação foi hiperbólica.

Dado o exposto, observa-se que todos esses excertos diferem ligeiramente, e, embora desaprovção, ridicularização e repreensão sejam similares para os teóricos, é visível que esses atos representam diferentes graus de negação a uma dada situação, bem como apresentam níveis distintos de ameaça à face. Torna-se fundamental destacar que é possível afirmar que os personagens realizaram tantos AAFs – 29, ao todo (Gráfico 1) – devido à ausência de regimes hierárquicos entre eles. Normalmente, os sujeitos tendem a se preocupar mais em como seus enunciados serão interpretados – de forma polida ou não – frente a indivíduos com os quais carecem de intimidade (Brown, 1980). Assim, faz sentido que os personagens apresentem certa indiferença, em suma, em como seus enunciados afetarão o ouvinte; em caso de ameaça efetiva à face do interlocutor, as consequências ao emissor serão menos graves – provavelmente não envolveriam prejuízos como demissão, rebaixamento de cargo etc.

Outra categoria que demanda destaque por sua peculiaridade é o ato de ameaça à face relacionado a exibir violência emocional fora do controle. Nesse cenário, Brown e Levinson (1987) afirmam que, ao realizar tal ato, o emissor dá ao receptor motivos para temê-lo, ameaçando, portanto, a face positiva do ouvinte. Dessa forma, o Quadro 4, abaixo, pretende exemplificar este ato comunicativo.

Quadro 4 – Transcrição IV do Ato de Ameaça à Face

Contextualização: O grupo está trancado para fora do apartamento de Monica e nenhum dos personagens tem as chaves para entrar. As comidas ficaram no forno enquanto eles estavam fora e, agora, estão queimadas. A cena se desenvolve a partir da discussão de que Monica aparentemente havia perguntado à Rachel, antes de saírem, se ela pegou as chaves (<i>Got the keys?</i>). No entanto, Rachel entende esta frase como uma afirmação, como se Monica tivesse afirmado que pegou as chaves (<i>[I] Got the keys!</i>). Monica, sentindo-se sobrecarregada, desabafa de maneira que pode ser vista como incisiva.		
01	Monica	Por que eu teria as chaves?
02	Rachel	Por causa do fato de você ter dito que tinha?
03	Monica	Mas eu não tinha.
04	Rachel	Bem, mas você deveria ter.
05	Monica	POR QUE?
06	Rachel	PORQUE SIM!
07	Monica	POR QUE?
08	Rachel	PORQUE SIM!
09	Monica	POR QUE? Por que é minha responsabilidade? Não é suficiente que eu esteja

10		fazendo o jantar de Ação de Graças para todos vocês? Sabe, cada um quer um tipo
11		diferente de batatas, então eu estou fazendo diferentes tipos de batatas. Algum de
12		vocês perguntou o que <u>eu</u> quero? Nã:::o, não, não! ((magoada)) Contanto que
13		Phoebe tenha suas ervilhas e cebolas e Mario tenha os bolinhos de batata... e é
14		meu primeiro Dia de Ação de Graças e está tudo queimado e, e, eu... eu...

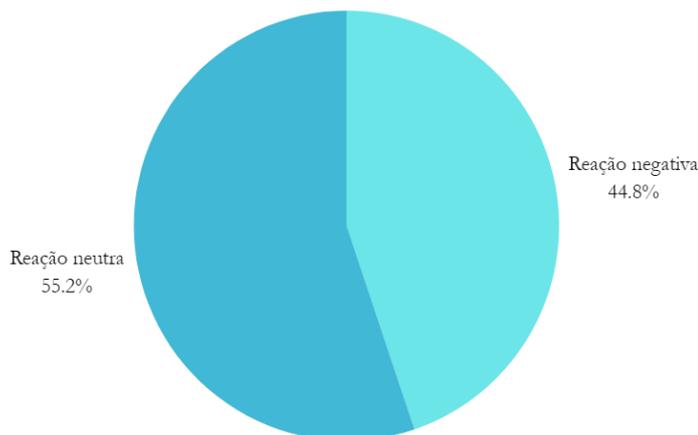
Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao manifestar sua insatisfação com o tratamento que recebeu dos demais protagonistas durante o episódio, bem como em relação à sobrecarga nela posta, Monica aproveita o momento de discussão para desabafar (linhas 09 a 14). No entanto, a personagem o faz de maneira intensa e incisiva, o que torna seu discurso violento e agressivo em termos de tom de fala e escolhas lexicais. Consoante os autores supramencionados, ao realizar esse AAF, o locutor demonstra indiferença ou carência de consideração com os sentimentos do receptor (Brown, Levinson, 1987, p. 314). Destaca-se que o objeto do presente estudo não é avaliar questões de gênero. Entretanto, entende-se que, fora da série, o público feminino seria mais facilmente tachado de agressivo ao se posicionar de maneira forte e assertiva, em comparação com o público masculino ocupando os mesmos espaços. Todavia, novamente, neste caso, preocupou-se em observar apenas as manifestações cruas dos atos de ameaça à face, não levando em consideração as temáticas sociais, visto que não são abordadas neste episódio.

Ainda no que diz respeito à quantificação geral dos atos de ameaça à face identificados no objeto de estudo, é notável que anúncios de más notícias e atos gestuais-verbais foram os menos exibidos neste episódio, provavelmente em função da deficiência de teor humorístico que parecem carregar, em comparação aos primeiros. Nesse cenário, novamente sublinha-se que a teoria de Brown e Levinson (1987) carece de explicações concernentes à interação não-verbal, já que os teóricos se comprometem em restringir seu estudo unicamente à comunicação oral dos integrantes do ato comunicativo, excluindo quaisquer tipos de manifestações linguísticas não-orais, como os sistemas das línguas de sinais e outros símbolos gestuais. Julga-se importante destacar tal evento devido à relevância dos movimentos manuais e corporais dentro da interação social, que servem, também, como artifícios linguísticos para o processo comunicativo.

Além de mensurar a quantidade de atos de ameaça à face ocorridos no episódio em análise e alocá-los em conjuntos com seus semelhantes conforme o esquema de Brown e Levinson (1987), fez-se necessário identificar o tipo de reação manifestada pelo interlocutor a partir do AAF executado contra ele. Para isso, foram analisadas as expressões faciais, gestuais e orais dos protagonistas, com relação aos atos de ameaça à face realizados. Conhecer essa informação é fundamental para perceber se/como as ações foram, de fato, interpretadas como ameaças à face do receptor, como sugerem os teóricos supracitados, ou se, no caso da *sitcom*, essa ideia é minimizada. Nesse sentido, foram interpretadas como reações negativas aquelas em que o interlocutor exibe expressões de desconforto, angústia, vergonha ou ira. Reações neutras foram identificadas como aquelas em que o receptor não demonstrou expressões reativas ao ato de ameaça à face. Por fim, entendeu-se por reações positivas, aquelas em que o interlocutor demonstraria felicidade, conforto ou prazer. Por conseguinte, para responder à terceira pergunta de pesquisa, o Gráfico 2 quantifica as ocorrências de reações negativas, neutras e positivas como consequência dos atos de ameaça à face ilustrados no Gráfico 1.

Gráfico 2 – Consequências reacionais dos AAFs



Fonte: Elaborado pelos autores.

A ultrapassagem de reações neutras relacionadas ao número de reações negativas pode ser explicada pelo acentuado grau de intimidade que os protagonistas da série compartilham entre si, como já mencionado, a partir do momento que se observa que questões relacionadas a poder de ordem hierárquica são praticamente zeradas, salvo as pequenas pirâmides hierárquicas presentes na relação entre alguns personagens¹⁰, como Monica e Rachel – já que Rachel, nesse episódio, mora no apartamento de Monica, fazendo com que esta tenha determinado nível de comando sobre as situações que ocorrem naquele ambiente – e Ross e Monica – devido à idade superior de Ross com relação à da irmã. Desse modo, por compartilharem, todos, de intimidade nas relações cotidianas, pode-se considerar que, a partir do momento em que um dos interactantes comete um AAF, o receptor pode não enxergar a ação por um filtro depreciativo.

Observa-se, além disso, que não há ocorrências registradas de reações positivas após um AAF. Isso se dá porque, por constituir-se, como anteriormente destacado, de uma ação comunicativa naturalmente com potencial de ser opressora, dificilmente esta despertará reações positivas à vítima. O que pode ocorrer, no entanto, é a *indiferença* do receptor ao ato de ameaça à face manifestado, isto é, ausência de reações positivas tanto quanto negativas. Ao contrário disso, no Quadro 3, linhas 03 e 04, é evidente uma exaltação negativa da vítima para com a ação a ela direcionada. O Quadro 5, linhas 04, 06 e 08, ilustra a referida neutralidade, no que tange aos atos de ameaça à face relacionados a contradições e a dar más notícias ao interlocutor.

Quadro 5 – Transcrição V do Ato de Ameaça à Face

Contextualização: Monica encontra seu irmão, Ross, na cafeteria e comunica-o sobre os planos de seus pais para o Dia de Ação De Graças. Ross, enfurecido pela notícia desagradável sobre a família, contradiz a irmã, e o diálogo abaixo toma parte.		
01	Monica	Ei, Ross. Você sabia que nossos pais vão para Porto Rico no Dia de Ação
02		de Graças?
03	Ross	Não, não vão. ((desacreditado))
04	Monica	Sim, vão sim. Os Blymen convidaram eles.
05	Ross	Você está errada! ((incomodado))
06	Monica	Não estou errada.
07	Ross	Você está errada!
08	Monica	Não. Eu acabei de falar com eles.

¹⁰ No entanto, ressalta-se que tais pequenas pirâmides hierárquicas não influenciam na relação íntima e horizontal que os interactantes compartilham entre si. Assim, assume-se que isto não se torna um empecilho para a livre manifestação de atos de ameaça à face.

09	Ross	Vou ligar para a mãe! ((saindo do ambiente, chateado))
----	------	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Esse excerto representa uma manifestação de contradições, inicialmente do personagem Ross para com a irmã, Monica. Aproveita-se o momento para sublinhar um outro AAF reportado nesta cena, incitado por Monica, na linha 01, a qual dá uma má notícia para o irmão, o que ameaça sua face positiva. Ecoando Brown e Levinson, ao dar uma notícia negativa para o outro, “o emissor indica que está disposto a causar aflição ao receptor, e/ou não se importa com os sentimentos deste” (Brown, Levinson, 1987, p. 314). Mais à fundo, com relação ao ato de ameaça à face de contradições, a definição postulada pelos autores é a de que, ao realizar este AAF, o emissor do enunciado indicaria que o receptor está errado em determinado ponto; esse erro estaria associado, destarte, à desaprovação. Nesse cenário, é perceptível que os AAFs realizados por Ross não ameaçaram efetivamente a face de Monica, a qual não apresentou sentimentos desequilibrados diante das contradições (linhas 04, 06 e 08). Muito provavelmente essa indiferença está calcada ao âmbito emocional entre irmãos diante da notícia de que seus pais não confraternizariam o feriado de Ação de Graças com eles, o que pode ter sensibilizado Monica e neutralizado sua reação ao AAF cometido pelo irmão, o qual estaria fragilizado diante da informação dada, justificando as contradições.

Considerações finais

Este trabalho pretendeu elucidar as questões inicialmente apontadas no que tange à importância de refletir sobre o conceito de face na contemporaneidade e sua relação com o humor, devido à escassez de produções desta espécie no Brasil. Desse modo, a teoria de Goffman (1967), por partir do pressuposto de que todo indivíduo preza pela divulgação de uma autoimagem otimista – a sua face –, considera fundamental a propaganda positiva que os sujeitos realizam em prol deste objetivo. Por outro lado, Brown e Levinson (1987) sugerem que há determinados movimentos comunicativos que naturalmente possuem a propensão de destruir esta autoimagem; os atos de ameaça à face.

Nesse sentido, o presente estudo mostra como a ausência de posições hierárquicas contribui para a realização frequente de atos de ameaça à face majoritariamente cômicos – pautados principalmente na ridicularização do interlocutor –, fazendo com que a *sitcom* cumpra com seu objetivo: o fazer humor. Além disso, tal ausência de um regime hierárquico entre os protagonistas contribui para a amenização do impacto do AAF, já que, como previamente sublinhado, os indivíduos tendem a se preocupar mais com o efeito de seus enunciados frente a pessoas menos íntimas (Brown, 1980). Logo, é coerente que as reações neutras sejam as mais abundantes no episódio, já que AAFs cometidos entre amigos carregam um menor valor destrutivo às faces uns dos outros. Sob este prisma, ressalta-se que, mesmo que o interlocutor não sinta sua face efetivamente ameaçada, ainda assim é possível afirmar que houve um comportamento linguístico de ameaça em potencial à face dos interactantes.

A respeito do objeto de estudo, pode-se dizer que *Friends* (1994) utiliza desse mecanismo linguístico – os atos de ameaça à face – para ocasionar o riso no telespectador. Considerando que a modalidade mais utilizada pelos personagens foi a ridicularização, que está estreitamente interligada com a noção de humor, tendo em vista que ridicularizar é tornar alvo de escárnio, a série acaba por criar uma atmosfera jocosa para quem assiste à situação, o que torna coerente que esse ato de ameaça à face tenha sido o mais executado.

Por fim, compreende-se que há a impossibilidade de generalizar os dados aqui obtidos, por se tratar de uma amostragem diminuta, bem como há a ausência de outros atos de ameaça à face tabelados por Brown e Levinson (1987), como o uso de termos que identificam erroneamente o outro e a constante interrupção e/ou não-cooperação dos interagentes em determinado ato

comunicativo (Brown, Levinson, 1987, p. 314). Assim, cabe aos estudos futuros a aplicação e investigação das teorias aqui presentes em contextos brasileiros, devido à deficiência de pesquisas científicas deste cunho no Brasil, levando em consideração que os elementos pragmáticos de uma língua são sensíveis à cultura. Além disso, compete, também, a tais estudos, investigar a respeito dos atos de ameaça à face não-orais, em razão de suas comuns ocorrências, como brevemente exposto, e por causa de sua igualmente relevância para a pragmática tanto quanto o fluxo interativo pautado na comunicação oral.

Referências

AQUELE em que o vira-latas escapou (temporada 1, ep. 9). Friends [Seriado]. Direção: John Payne e Patrick McKay. Produção: Marta Kauffman e David Crane. Estados Unidos: NBC, 1994. Série exibida pela HBO Max. Acesso em: 10 nov. 2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Bristol, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BROWN, Penelope. How and why are women more polite: some evidence from a Mayan community. In: MCCONNELL-GINET, Sally; BORKER, Ruth; FURMAN, Nelly. (ed.). *Women and language in literature and society*. Praeger Publishers, 1980. p. 111-136.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen Curtis. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAPELLANI, Danielle Zuma. Recusa de interação e atos de ameaça à face: presidente Jair Bolsonaro versus jornalistas. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 40, p. 326-347, 2021.

CULPEPER, Jonathan. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v. 25, p. 349-367, 1996.

FERREIRA, Hilma; GUIMARÃES, Silvia. Quebra de máximas conversacionais nas tirinhas do Armandinho: uma possibilidade metodológica para o ensino expressivo da língua portuguesa. *Linguagem em Discurso*, Tubarão, v. 20, n. 2, p. 289-306, 2020.

GOFFMAN, Erving. *On Face-Work: An analysis of ritual elements in social interaction*. Nova Iorque: Doubleday, 1967.

JEFFERSON, Gail. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, Gene. (org.). *Conversation analysis: studies from the first generation*. Santa Barbara: University of California, 2004. p. 13-32.

JERÓNIMO, Nuno Amaral. *Humor na sociedade contemporânea*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.

NOVECK, Ira. *Experimental pragmatics: the making of a cognitive science*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2018.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CUNHA, Gustavo Ximenes; AVELAR, Fernanda Teixeira. Emojis como estratégias de reparo em pedidos de desculpas: Um estudo sobre conversas em ambiente digital. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 3, p. 1615-1635, 2018.

RASO, Tommaso. *Pragmática*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2023.

SILVEIRA, Fernanda Vieira da Rocha; FERREIRA, Gabriella dos Santos. “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 240-263, 2022.

YU, Kyong-Ae. Culture-specific concepts of politeness: Indirectness and politeness in English, Hebrew, and Korean requests. *Intercultural Pragmatics*, v. 8, n. 3, p. 385-409, 2011.

ZAJDMAN, Anat. Humorous face-threatening acts: Humor as strategy. *Journal of Pragmatics*, v. 23, n. 3, p. 325-339, 1995.

Submetido em 16/05/2024

Aceito em 07/08/2024